



Economia Negra: estratégias de resistência pela Educação Afrocentrada e Libertadora

Juliana Monique de Souza de Araújo

Universidade do Estado da Bahia

Julianamsaraujo@gmail.com

Resumo

Este resumo visa levantar reflexões acerca da Educação Libertadora e Filosofia Bantu UBUNTU no fortalecimento de empreendimentos econômicos e empoderamento da população negra, tratando das relações possíveis para a formação de redes colaborativas, geração de renda e bem viver. Para mudar a realidade em seu entorno, o negro precisa para além da autoestima, apropriar-se cada vez mais dos mecanismos de resistências, o quilombolário é uma necessidade social, política e econômica. Tendo como objetivo apresentar uma reflexão sobre uma Educação para população negra pautada em valores UBUNTU que possibilite associação, cooperação e desenvolvimento social, econômico e político. Justifica-se pela crescente necessidade de apresentar os fundamentos filosóficos oriundos de África e as estratégias de resistências da população negra, que vem historicamente sendo sufocado pelo Racismo, que reduz sua importância, construção e contribuições. É preciso mais que garantir poder econômico, resgatar ou constituir novos sistemas sociais que proporcionem aos negros e negras capacidade de se quilombolário por meio de uma educação que impulse sua reflexão crítica, e sua relação com o outro, para tanto, elegi a Filosofia bantu UBUNTU - Eu sou porque nós somos, como princípio norteador desse novo arranjo educacional, onde negros e negras se unem num propósito panafricanista de se fortalecer, dialogar e cooperar, se colocando no combate ao racismo e da negação e supressão econômica. Sabendo como se constitui as relações etnicorraciais brasileiras, busca possibilitar estratégias educacionais para o povo negro.

Palavras chave: Filosofia Ubuntu, Educação Libertadora e Economia Negra

INTRODUÇÃO

O povo negro raptado de África trouxe consigo princípios culturais que construíram a identidade afrobrasileira, estando em solo brasileiro não aceitou a escravidão passivamente, o que lhe estimulou o desenvolvimento de estratégias para não somente manter sua cultura, mas também consolidar arranjos sociais e políticos, tais como os quilombos. Assim negras e negros africanos, deixaram um legado sobre organização, cooperação e solidariedade, bem fundamentado para os negros e negras em diáspora.

Protagonizar nossa existência sempre foi a maior arma para o combate da escravidão, racismo e discriminação, portanto, construímos maneiras de solucionar os problemas que afligem nossas comunidades, de se organizar, buscar oportunidades, mecanismos, estratégias para tornarmos-nos conscientes, críticos e autossuficientes, nossos avanços sempre foram lutas coletivas.

Diversas são as bases educacionais voltadas a transformação do sujeito, esse artigo



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

propõe uma integração as perspectivas da Educação Afrocentrada, Educação Libertadora e filosofia bantu UBUNTU, numa perspectiva de refletir uma educação que seja libertadora, solidária e coletiva, mas ao mesmo tempo promova a interconexão entre as existências negras e o desenvolvimento quanto comunidades. Compreendendo este contexto, que a Economia Negra precisa se pautar numa Educação que direcione para este caminho coletivo de colaboração, cooperação e solidariedade e assim valorizar princípios na cultura africana que constitui a cultura afrobrasileira também.

Objetivo neste artigo apresentar uma reflexão sobre uma Educação para população negra pautada em valores UBUNTU e Panafricanista que possibilite associação, cooperação e desenvolvimento social, econômico e político. Para alcançar este objetivo, organizo em dois momentos, no primeiro busco correlacionar a Filosofia Bantu Ubuntu com as perspectivas da Educação Afrocentrada e a Educação Libertadora, e no segundo, uma Economia Negra atravessada pelos valores da Filosofia Ubuntu, da Educação e do Panafricanismo.

Discutir sistemas e arranjos sociais que possam “libertar” o povo negro, resgatar os ideais do quilombo, propor estratégias de resistências, promover a internalização de princípios africanos e difundir o autoreconhecimento dentre nós.

DESENVOLVIMENTO

Há uma grande preocupação com os rumos da Educação, um desses paradigmas é a educação proporcionada a população mais pobre, que conseqüentemente são negros e negras, mesmo com a ampla produção científica na área, ainda se atende o interesse político e do capital, estes interesses não permite que modelos, como a educação afrocentrada ou a freiriana fossem implementadas, BRUNO (2011, p.558) nos apresenta uma reflexão primordial para se entender a lógica do Capitalismo na Educação, “quando se diz que a escola não ensina, ou ensina muito pouco para essas populações, talvez tenhamos de reconhecer que nem toda escola no capitalismo contemporâneo existe primordialmente para ensinar, existe antes para disciplinar e controlar comportamentos”.

Controlar e disciplinar comportamentos, nos chama atenção a correlação com a escravidão, que utilizava um processo educação não formal como mecanismo de controle psíquico e físico. Após o período institucionalizado da escravidão, a população negra só teve acesso ao sistema nacional de ensino muito tardiamente, acontece que o processo de escravidão também funcionou como um processo de deseducação para os negros, uma vez



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

que fomos destituídos de sua identidade e negados de nossa cultura e aprisionado intelectualmente nas condições coloniais que perduram até hoje.

Tocamos até aqui em pontos cruciais para compreensão sobre que Educação o povo negro precisa, primeiro por que a Educação Afrocentrada nos reconecta como a nossa identidade, segundo porque a educação que liberta está distante de nossas realidades, terceira por que nossa educação não se conecta com os princípios filosóficos dos povos africanos que formaram o Brasil.

O resgate de valores africanos, se faz urgente no modo de vida do africano em diáspora, aqui propomos uma educação para o fortalecimento da economia negra, pautados em princípios de coletividade, ousado afirmar, que a libertação contemporânea da população negra, não virá individualizada, mas sim num arranjo social coletivo e solidário, poder econômico coletivo como sustentáculo das demandas sociais e educacionais do povo preto.

UBUNTU E A EDUCAÇÃO AFROCENTRADA E LIBERTADORA

A filosofia UBUNTU - Eu sou porque nós somos - busca entender a sociedade de uma maneira mais integral e solidária, sinaliza que as existências humanas estão interconectadas, portanto, a condição humana é uma existência coletiva. Este modo de pensar e de agir está presente em boa parte do continente africano, pertencendo aos povos *bantu*. Trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas com os outros, RAMOSE (1999) nos auxilia na compreensão “embora que na língua portuguesa não possa ser exaurido o significado desta máxima ou aforismo [UBUNTU], pode, entretanto, ser traduzido para significar que ser um humano afirma sua humanidade por reconhecimento da humanidade de outros e, sobre estas bases, estabelece relações humanas com os outros”.

Essa perspectiva filosófica alinha-se harmoniosamente com proposta da Educação Afrocentrada e também com a de Paulo Freire, um dos mais brilhantes teóricos brasileiros, que nos apresenta através de sua obra, excelentes percepções de o quê, como, por que, para quem e a quem ensinar.

A Educação Libertadora apontada por Freire (1999, p. 25) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção...”. Freire (1996, p 41.) ainda menciona que “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a”, portanto a



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

Educação Libertadora é pulsante, e só tem efeito sendo significativa e contextualizada, pois exige apreensão da realidade, e condições de transformá-la, nisto para alcançar a liberdade é preciso formar conscientemente sujeitos para que estes se percebam centro da transformação.

Freire anunciou a necessidade de mudança, e essas perspectivas de “transformar” sua realidade, dentro do recorte racial convoca os negros a repensar o tipo de educação que lhes é oferecida e o viés político ideológico que está por trás dela, por que não é capaz de nos emancipar? Mais uma vez, somos alertados por Freire, “A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de superação, no fundo, o nosso sonho”.

Após a compreensão de Freire, talvez se questione, mas e para quê uma Educação Afrocentrada, e é justamente o ponto, que buscamos correlacionar, Freire propõe uma educação para liberdade, a educação Afrocentrada, se propõe trazer uma contextualização étnico-racial para inclusive a transformação das relações que o povo negro tem com sua origem. Madhubuti, nos trás o conceito de afrocentrada, para que possamos refletir, onde se localiza essa educação:

“Afrocêntrico, Africêntrico, ou Afrocentrado” são termos intercambiáveis que representam um conceito que caracteriza uma qualidade de pensamento e prática que estão enraizados na imagem cultural e nos interesses das pessoas de ascendência africana, e que representam e refletem no centro de sua análise a experiência de vida, a história e as tradições das pessoas de ascendência africana. Afrocentricidade é então a base intelectual e filosófica em que pessoas de ascendência africana poderão criar seus próprios critérios científicos e morais para autenticação dos processos humanos dos africanos. Ela representa o núcleo fundamental das qualidades e do “pertencimento” de pessoas de ascendência africana. (MADHUBUTI, 1990)

Quando se propõem uma educação afrocentrada, buscamos resgatar que o valores africanos, são fontes de articulação para a educação da população negra, independente da área de conhecimento, quando deslocamos a perspectiva para África, percebemos que as possibilidades já estão bem fundamentadas, exigindo apenas uma sistematização e o modus operandi para que se concretize. Madhubuti, complementa “Uma pessoa negra educada não deve apenas conhecer o currículo acadêmico, mas também deve ter um núcleo básico da compreensão da contribuição de seu povo para a civilização local, nacional e mundial.”

Mas o que seria Educação Afrocentrada e Libertador com viés filosófico Ubuntu? A Filosofia Ubuntu tem como princípios éticos, moral e cultural a valorização do outro, da vida comunitária, cooperativa e solidária, este é o ponto chave para compreender a necessidade das



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

relações entre a comunidade negra, assim a educação deve convocar esta mesma comunidade a construir uma mudança significativa no modo de viver do educando e a filosofia bantu lhe convida a uma nova forma de se organizar e viver, atende aos objetivos da pedagogia afrocentrada, conforme Safhisha Madhubuti nos apresenta:

1. Legitima as fontes africanas de conhecimento;
 2. Explora positivamente e oferece suporte para uma comunidade produtiva e suas práticas culturais;
 3. Amplia e reforça a linguagem nativa;
 4. Reforça os laços comunitários e idealiza serviços para a família, comunidade, nação, raça, e o mundo;
 5. Promove relacionamentos sociais positivos;
 6. Transmite uma visão de mundo que idealiza um futuro positivo e auto-suficiente para seu próprio povo, sem negar a auto-estima e o direito à autodeterminação dos outros
 7. Apoia a continuidade cultural, promovendo a consciência crítica.
- (MADHUBUTI, 1990)

Proponho uma base educacional que reacenda o aquilombamento¹ no povo negro, que significa transformar nossa existência em poder para enfrentar os 400 anos de escravidão, que coloque a África no centro de nossa referência, ou seja, panafricanista. A historiadora Beatriz do Nascimento dentre seus estudos sobre os quilombos, nos faz refletir sobre essa estratégia “o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política” (NASCIMENTO, 1985).

Neste contexto, a educação para população negra, precisa ser capaz de despertar valores adormecidos pelo processo de colonização, de expansão e enraizamento do capitalismo. A cultura bantu é por essência coletiva, a individualidade é uma premissa capitalista, que não compreende quão superior é a lógica coletiva, se pautando apenas na exploração desenfreada do homem pelo homem.

Nossa Educação, não pode perder de vista que o fomento e cooperação em todas as ações de nossa comunidade e para nossa comunidade é um ato político, isso deve permear tanto as estruturas sociais, econômicas e políticas. Nossa autonomia fundamenta-se na luta por uma educação que nos transforme em seres panafricanos, poderia e deve ser capaz promover solidariedade intra-étnica entre os africanos e ao mesmo tempo promover estratégias de coalisão com outros grupos com interesses e necessidades semelhantes (MADHUBUTI,

¹ Forte estratégia de resistência negra e um elemento de desestabilização da lógica escravista, uma vez que se constituíam como ruptura social, ideológica e econômica com o modelo vigente. Os quilombos, se constituíram como unidades de protesto e de experiência social, de resistência e reelaboração dos valores sociais e culturais dos africanos e seus descendentes.



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

1990).

Historicamente a população negra esteve marginalizada, o período pós-escravocrata continuou a negar direitos mínimos de sobrevivência, não houve nenhum programas de inclusão social, continuou por atuar intensamente no apagamento social do negro, somos reféns até a atualidade dessa política que não propicia mobilidade social e condições dignas.

Considerando que no Brasil, há um sistema social e político, que amplifica as desigualdades raciais, Carlos Hasembalg (1988, p.116.) considera que este sistema “evita que a raça se constitua em princípios de identidade coletiva e ação política”. Sendo assim desarticula essa população como protagonista, reduz a sua capacidade de se relacionar com o outro, não havendo o reconhecimento no outro não se constitui a empatia, muito menos desejo de transformação, configura-se como aprisionamento inconsciente.

Portanto, retomar a Educação Afrocentrada iniciando pela filosofia Ubuntu, pode ser um caminho para repensar a organização social, a redução da competição entre os pares, e o espaço para a cooperação e solidariedade. Marcus Garvey nos convoca “de pé raça poderosa”, ou seja, compreendam-se como seres políticos, culturais e econômicos e faça algo por si e por sua comunidade.

ECONOMIA NEGRA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

A população negra como forma de subsistência e resistência sempre empreendeu iniciativas econômicas, nos centros urbanos era possível ver negros e negras desempenhando atividades que permitiam uma pequena acumulação de dinheiro para compra de alforrias, as escravas de tabuleiro vendiam doces, frutas e quitutes e atividades artesanais, também eram realizadas por escravos.

Podemos situar que a Economia Negra inicia-se no Brasil a partir dessas atividades, como elemento da própria cultura africana, a união em prol da construção de estratégias era fundamental para resistência:

As redes de sociabilidade constituídas por meio do trabalho ou do desenvolvimento de atividades religiosas ou ainda de lazer eram fundamentais na constituição da autonomia escrava, bem como na formação de relação que poderiam apoiar ou dar suporte à aquisição da alforria. Um bom relacionamento com libertos ou livres poderia ser um apoio financeiro no momento da compra da alforria, ou ainda uma ajuda no convencimento do senhor.
(SOUZA, 2016)



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

Essa perspectiva de apoio e solidariedade construiu uma relação autonomia e comunidade, que fazia com que os negros pudessem agir na libertação de outros irmãos e irmãs. Estando inseridos num sistema político que é permeado pelo capital, a autonomia do povo negro, perpassa no empoderamento econômico, seja pela produção de bens e serviços que atendam a comunidade negra, seja pelo fortalecimento do dinheiro circulando dentro da comunidade. Mas, sobretudo, numa consciência de que não adianta a ascensão de um negro, se a sua comunidade continua dentro do fosso social.

Esta consciência pode ser alcançada basicamente através de uma educação afrocentrada, que aqui partimos dos valores Ubuntu, como forma de resgate dessa essência ancestral que de algum modo ainda está nas relações sociais da atualidade, nossas realidades precisam e devem ser recriadas, e começa-las a enxergá-las neste princípio filosófico possibilita avanços quanto comunidade e como sujeitos.

Essa Educação já foi brevemente apresentada na seção anterior, visa principalmente a mudança das relações com o outro, e com o coletivo, destarte aglutinar-se de forma coletiva e colaborativa é um caminho para fortalecimento econômico, político, cultural e social de negros e negras, se faz notar que a filosofia Ubuntu, permeando esse contexto, refere-se a essa coletividade engajada, crítica e consciente.

Não se pode perder de vista, que o sujeito precisa relaciona-se com sua identidade, compreender os problemas que lhe atinge quanto negros e negras, conceber relações de poder que compreenda a especificidade dessa Educação, como mecanismo de transformação.

Esta visão de que podemos ser donos da nossa própria transformação econômica e social, de que o desenvolvimento não se espera, mas se faz, constitui uma das mudanças mais profundas que está ocorrendo no país. [...] A ideia da educação para o desenvolvimento local está diretamente vinculada a esta compreensão, e à necessidade de se formar pessoas que amanhã possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno, de gerar dinâmicas construtivas. (DOWBOR, 2006)

Apropriando-se do conceito de desenvolvimento local, aqui proponho um adendo, que não seja uma transformação para o amanhã, mas para o hoje, Dowbor aponta um caminho muito significativo para a educação de toda uma sociedade. Novas dinâmicas se apresentam a todo o momento, na comunidade negra essa almejada a transformação se constitui uma necessidade do presente, com resgate de valores ancestrais e a promoção de dignidade para as gerações futuras.

Dotar-se de poder, a partir de processos formativos, capazes de direcionar o olhar para



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

essas demandas coletivas, a capacidade de transformar surge de pequenas iniciativas, que podem ganhar o caráter de tecnologia social quando pode ser replicada em outros contextos. Entretanto, se faz necessário construir novos meios de se organizar, de ampliar as discussões e apresentar um modelo, que fundamentalmente se torne uma tecnologia social.

As iniciativas econômicas da população negra devem se estruturar em modelos contra hegemônicos, que não firmam os valores Ubuntu, Paul Singer (2002) nos auxilia na compreensão sobre outros modos de produção;

Mesmo sendo hegemônico, o capitalismo não impede o desenvolvimento de outros modos de produção porque é incapaz de inserir dentro de si toda população economicamente ativa. [...] Mas ela só se viabiliza e se torna uma alternativa real ao capitalismo quando a maioria da sociedade, que não é proprietária de capital, se conscientiza de que é de seu interesse organizar a produção de um modo em que os meios de produção sejam de todos os que os utilizam para gerar o produto social. (SINGER, 2002).

Antes de dialogar sobre a Economia Negra, se faz necessário apontar alguns conceitos e seus campos de atuação, o que se torna fundamental para a compreensão desse arranjo social proposto, a Economia estuda como as pessoas se organizam para produzir e distribuir a riqueza, a sua abrangência permite entender sobre as formas estabelecidas pelas sociedades, a inclinação escolhida como passo inicial perpassa pela Economia Solidária, que segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária pode ser compreendida em três dimensões:

Economicamente, é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão.

Culturalmente, é também um jeito de estar no mundo e de consumir (em casa, em eventos ou no trabalho) produtos locais, saudáveis, da Economia Solidária, que não afetem o meio-ambiente, que não tenham transgênicos e nem beneficiem grandes empresas. Neste aspecto, também simbólico e de valores, estamos falando de mudar o paradigma da competição para o da cooperação de da inteligência coletiva, livre e partilhada.

Politicamente, é um movimento social, que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado nas grandes empresas nem nos latifúndios com seus proprietários e acionistas, mas sim um desenvolvimento para as pessoas e construída pela população a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos.

A Economia Solidária melhor se aproxima da Filosofia Ubuntu, mas uma Economia Negra possível se fundamenta em princípios panafricanistas, onde o negro protagoniza as ações econômicas, ele põe como elemento cultural, por que dialoga com sua identidade e ancestralidade, econômico por produzir e ser dono dos meios de produção e político por se



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

estruturar numa organização para enfrentamento da desigualdade que aflige sua comunidade. É aquela que se apresenta como alternativa aos desafios da comunidade negra.

O panafricanismo é um movimento, pautado no desenvolvimento social, econômico e político dos povos negros em diáspora, visa valorizar a existência negra com base na sua conexão com África-mãe. Assim convoca os negros e negras a se unirem em princípios de colaboração, cooperação e solidariedade entre si, promovendo um autorreconhecimento quanto negro na sociedade racista.

Não há desenvolvimento da comunidade negra sem que a mesma compreenda seu papel social, que não afínque valores africanos em seu modo de vida. Sendo assim clama por uma educação que liberte, mas que também reacenda nossos valores ancestrais. Dentro do sistema contemporâneo o engajamento no fortalecimento econômico de comunidades negras é um gatilho para as lutas atuais.

Qualidade de vida coletiva perpassa pelo poder econômico, o poder econômico sustenta poder político, e poder político sem a educação é condenada ao desfacelamento da superação das desigualdades. Por que este poder político precisa ser utilizado em pontos estratégicos, não negociatas para permanecer o ciclo de exploração. Este poder deve se tornar o fio condutor do consciente coletivo e solidário, Carlos Moore, no alerta que essa consciência ou lógica não é dominante e por isso aponta que:

As lógicas de solidariedade não serão dominantes a menos que a humanidade crie mecanismos e estruturas capazes de se contrapor às visões desumanizadoras. São estas últimas que convertem as diferenças morfo-fenotípicas em obstáculos, ao invés de evidenciá-los como deveriam ser: meras características, sem consequências morais ou intelectuais.
(MOORE, 2006).

Moore apresenta a lógica da solidariedade para toda a humanidade, mas neste artigo, essa lógica se aloca primeiramente entre os pares e depois no todo, ainda sobre isso, o autor no diz que a humanidade deve escolher o caminho por onde transitar:

Ou voltar para o caminho das éticas e práticas solidárias, ou seguir pelo caminho atual. Na primeira alternativa se vislumbra uma possibilidade de triunfo para o que se poderia denominar de Projeto Humano. Na segunda vislumbra-se o encerramento, a curto ou médio prazo, desse mesmo Projeto. Pois, se a humanidade não estiver constrangida a uma ética baseada na solidariedade, arrisca-se, inelutavelmente, a recair nas práticas que a revertem para a barbárie.
(MOORE, 2006)



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

Portanto, devemos criar nosso projeto de humanidade, que conecte a existência individual só se configura através de a uma existência coletiva, que não nos condene a barbárie que a comunidade negra vivencia a todo o momento.

Um novo mundo é possível, baseado numa economia negra que não se baseie na exploração, bem como fatores sociais e culturais que nos identifique como um povo diaspórico, mas que mantém vivo a ancestralidade e que se organiza em prol daquilo que nos foi negado desde o rapto de nossos ancestrais em África.

CONCLUSÃO

Nós que propomos sistema social pautado na perspectiva solidária e cooperativa não conseguimos avançar como deveria. O que vejo, é retomar o movimento cooperativista, associativista e de redes colaborativas, no caso entre nós negros, instituídas na cultura do dinheiro preto, ou seja, circulando entre nós, através da produção e do consumo endocomunitário.

Sabemos o desafio do sujeito negro que possui uma iniciativa econômica, e as redes colaborativas pode ser um caminho para que esses empreendimentos possam crescer, e colaborar com o bem viver da população negra, e quando digo isso, penso também na construção de políticas de resistências, nem todos se optarão por iniciativas econômicas coletivas, o que não impede de construir essas políticas, tais contratar negros, salários justos, carga horária flexível, estímulo ao desenvolvimento individual, práticas de saúde e bem estar.

Nestes casos, as redes de colaboração podem facilitar e influir na mudança de relação entre sua comunidade, perpassando que a luta é coletiva, e que quando falarmos de avanço, isso seja uma prática cotidiana do pensar negro. A massa trabalhadora é negra, e por precisamos colaborar para a mobilidade negra, e que essa mobilidade não se faça encima da exploração do próprio negro.

O negro começou a "empreender" no Brasil com as "escravas de ganho" e elas já praticavam a solidariedade que é um princípio africano, e estavam inseridos nos seus valores comunitários e sociais, vide as irmandades que compravam as alforrias. Precisamos empoderar a comunidade negra, independente da sua classificação econômica, para se conscientizarem e unirem em prol da dignidade de sua comunidade.

Precisamos nos tornar donos do meio de produção, de um modo consciente, coletivo e solidário, que garanta a dignidade e não de uma gestão pela sobrevivência que nosso povo é



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

submetido ao longo desses 400 anos.

Madhubuti no diz que, a única liberdade que é abertamente aceita para todo o povo negro na América, é a liberdade para a autodestruição, sendo assim já fomos alertados, e todos precisamos nos transformar em agentes contra essa autodestruição, seja pela descolonização do pensamento e a liberdade para não nos tornamos opressores.

A Educação Afrocentrada, é uma ferramenta ideológica para mudanças de paradigmas, educar para compreender as diferenças, mas também se entender como uma grande comunidade mundial, que se relaciona através da ancestralidade, que compreende os mecanismos contemporâneos de sobrevivência e resistência frente ao racismo, que nos impede de circular livremente no mundo, sem que sejamos negados de nossa identidade e abatidos.

A valorização do sentimento de comunidade dissolve barreiras imaginárias e colonialistas, que nos segrega inclusive de nossos irmãos espalhados por toda diáspora africana, as nossas diferenças se somam ao coletivo, para a construção de algo maior, unificado e panafricanista.

Referências

O que economia solidária? Disponível em: <https://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>. Acesso em 09/05/2019

HASEMBALG, Carlos A. Desigualdades raciais no Brasil. In: HASEMBALG, Carlos A.; SILVA, Nelson do Valle (org.). **Estrutura social, mobilidade e raça**. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e Desenvolvimento Local**. abr., 2006. Disponível em: < <http://dowbor.org/06edulocal.doc> >. Acesso em: 15 jun. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MADHUBUTI, Haki; MADHUBUTI, Safisha. **Educação Afrocentrada: seu valor, importância e necessidade no desenvolvimento de crianças negras**. Roberta Maria Frederico (trad.). Journal of Education, Boston University (Vol 172, nº2), 1990.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Tradução Arnaldo



IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - IX ETBCES

Vasconcellos, Harare; Mond Books, 1999, p. 46-66.

SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil.** In: Boaventura de Sousa Santos (org.) Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SOUZA, Aldinizia de Medeiros. **Negociações e alforrias: a carta de liberdade como resultado de negociações entre senhores e escravos.** Disponível em: <http://www.rn.anpuh.org/2016/assets/downloads/veeh/ST09/Negociacoes%20e%20alforrias%20a%20carta%20de%20liberdade%20como%20resultado%20de%20negociacoes%20entre%20senhores%20e%20escravos.pdf>. Acesso 09/05/2019.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Para uma nova sociedade globalmente inclusiva, baseada nas lógicas de solidariedade.** Disponível em: https://www.icsw.org/images/docs/Events/2006_Brazil/18_07_PDF/carlos_moore.pdf. Acesso em 09/05/2019.